

Leituras rasuradas em tempo-espaço de *Cybersenzala*

Prof. Dr. Carlos Augusto Magalhães¹ (UNEB)

Resumo:

*Na contemporaneidade, o espaço-metrópole que coloca em jogo menos o tempo que o espaço, construindo o agora-cidade, continua sendo fulcro das representações literárias, mas agora as abordagens se voltam para uma urbe desprovida de aura e de encantamento. A inconsistência do cotidiano urbano substitui a certeza positivista da opção pelos grandes centros. O presente desenraizado nega a expectativa de futuro e o dia a dia violento torna a cidade refém de si mesma. Nesta direção, floresce no Brasil uma literatura corrosiva, que, ao se empenhar em realizar as representações destas contingências, não poderia se mostrar senão obliterada, borrada, obstruída, enodada; enfim, trata-se de uma produção desnudada em que se percebem as rasuras do texto. Entre outros, um contista ocupa posição ímpar, ao focalizar o homem da classe média, às vezes de modo melancólico, com humor e ironia sempre – Jair Ferreira dos Santos, autor da coletânea *Cybersenzala* (2006).*

Palavras-chave: narrativa, cidade, contemporaneidade, subjetividade

[...]

“Não dá assim pra ficar mais animado? O show tem dança do ventre.”

É a porra do trânsito. Está mais lento que o normal. Olha lá o Aterro. Está mortinho.”

[...]

“Vai ao club dar uns tiros amanhã, você gosta, relaxa.”

[...]

Oliveira acelera o Hyundai 2001 prata para andar uns dez metros e fica emparedado entre dois ônibus, o que ele detesta. Eles vêm do centro, ainda não chegaram à enseada de Botafogo. Dali até o Subaru, o bar recém-inaugurado no Humaitá, será uma canseira.

(SANTOS, 2006, p. 93, 94, 95).

Estas passagens iniciais do conto “*Cybersenzala*”, integrante da coletânea do mesmo título de autoria de Jair Ferreira dos Santos, captam e fixam cenas contemporâneas reveladoras dos transtornos provocados pelo congestionamento e não fluidez do trânsito no Rio de Janeiro, quadro cotidiano de inviabilidade urbana com que se defronta esta e qualquer grande cidade brasileira.

As imagens da capital fluminense atualizam, em incisiva diferença, o mito da cidade maravilhosa, cujo embrião reside em um período bem mais anterior, momento em que a magia e a sedução das ruas são intensamente celebradas nas representações literárias urbanas.

O leitor, conhecedor da trajetória da antiga capital federal, atento às recriações que a tematizam e ao imaginário que daí se resgata, transporta-se para um universo de deslumbramento fixado em passagens como – “alma encantadora das ruas”, “meu bom povo a quem se mostra uma avenida esplêndida bordada de palácios, e cheia de luz” – imagens com que se ressalta o caráter aurático e fascinante de que se revestem a rua e a avenida, e os contatos e interações que elas desencadeiam. Assim, em outro tempo, percorrer os espaços da capital carioca seria o encontro com a animação contagiante e a imagem da rua, em si, representa a excitação singela, agradável e facilitadora da comunicação saudável e descontraída.

Seguindo um caminho inverso, a cena descrita apresenta a rua não como espaço do lazer, da confraternização ou das forças subversivas e de ruptura, comprometidas com a desestabilização libertadora, conforme a elaboração de Barthes (2001). Aqui e agora ela é a “cena muda”, o espetáculo não contemplado, até porque o olhar despreocupado e observador, que flagra e capta pormenores e *nuances* e que não vislumbra as ruas apenas como espaço e trajeto a serem percorridos e vencidos para, enfim, alcançar-se o destino desejado, já não se faz tão presente nas cidades brasileiras.

Assim, percorrê-las vem a ser um exercício de impaciência, intolerância, medo e ameaça, representa a prática de uma ação desinteressante ou até o encontro com a indiferença, vez que a rotina estéril teria contaminado certo olhar que as recorta sob a égide da palidez e do esmaecimento. Para Ratto e Oliveira, a rua é espaço-empecilho, núcleo do desconforto e do *stress*, território da impessoalidade a ser urgentemente transposto para se chegar ao *happy hour* do recém-inaugurado bar Subaru.

Enfim, Botafogo! Após o semáforo que fica próximo da estação do metrô e onde os garotos se exibem com seus parcos malabarismos, resta ainda atravessar a Rua São Clemente, cujo trânsito arrastado também toma tempo, mas ali adiante está o Humaitá e o bar Subaru.

As cenas primeiras constituem também uma autorização para o acesso ao universo dos questionamentos sobre a ficção brasileira pós-moderna, produção cuja análise, como afirma Renato Cordeiro Gomes, permite que se indague se “[...] ao representar a cidade, [ela, aquela ficção estaria dramatizando] o esgotamento da cena moderna” (GOMES, 2000, p. 65).

Com efeito, o conto *Cybersenzala* continua mostrando o Rio de Janeiro, como poderia ser qualquer outra grande cidade brasileira, onde ganham corpo importantes camadas médias da sociedade, de certa forma, escamoteadas e não tematizadas na literatura brasileira anterior (SANTIAGO, 1989, p. 11) e tidas como fundamentais no desenho do imaginário urbano. Ao focalizar tais classes, as produções passariam a realizar encenações mais abrangentes, pois direcionadas para questões sociais, culturais, políticas, existenciais, intimamente ligadas à intensificação de ingerências plantadas desde a modernidade e modernização urbana, processo em que mergulhou a então capital da República, paradigma para as interferências nas capitais estaduais.

Constata-se na narrativa um gradativo arrefecimento dos “vínculos da experiência” e de seus mecanismos mnemônicos, que, como tal, são preservadores da memória, sobretudo afetiva, componente básico na sedimentação das raízes da individualidade e da identidade do ser.

Nesta ótica, o conto seria uma representação da nossa contemporaneidade e uma produção da literatura pós-moderna, preocupada com as encenações destes tempos pós-utópicos, com cujos esfacelamentos se enreda densamente a classe média brasileira, com a qual tanto se ocupa também o escritor e jornalista Jair Ferreira dos Santos. O texto flagra o colapso desta classe, de certa forma, agora distanciada dos vínculos identitários iniciais, de base e cuja vida privada tem sido continuamente empobrecida pela ação da “vivência do choque”, também responsável pelos contatos transitórios e impessoais arrolados no desenho da desestabilização daquelas personagens – sujeitos urbanos.

Acentua-se a perspectiva reificante com que o tempo e o espaço vinham sendo vivenciados, pragmática que pode comprometer a dualidade e o aspecto simbólico de que se revestem e através dos quais as relações humanas vislumbra tudo que as cerca, inclusive, a instância tempo-espacial. Assim, pode-se afirmar que o homem contemporâneo, na ânsia de êxito e realização pessoal imediatos, alcançáveis principalmente por intermédio da aquiescência aos paradigmas do progresso e da ascensão social, prioriza relações com o presente urbano. Tal instância tempo-espacial costuma conceder e facilitar o desfrute imediato, sem demora, das delícias citadinas, superficiais e fugazes que sejam, como resultado rápido e palpável do investimento em certo capital simbólico.

A reciclagem e a intensificação dos índices de modernidade, entre outros aspectos, se concretizam hoje por meio do crescente desfazimento ou da dificuldade de solidificação de elos. A consistência de tais vínculos estaria exposta a um processo de afrouxamento que, segundo as formulações metafóricas e alegóricas de Zygmunt Bauman, constituem o estágio da liquidez e do amolecimento, recurso imagético com que se desenha a efemeridade, o imediatismo, a superficialidade do mundo contemporâneo. E Bauman (2001, p.21) arremata que “[...] a desintegração da rede social, a derrocada das agências efetivas de ação coletiva [desencadeiam] a leveza e fluidez do poder cada vez mais móvel, escorregadio, evasivo e fugitivo”.

Nestes tempos pós-utópicos, reino da “modernidade líquida”, do “tempo líquido”, “[...] a própria memória (“os mistérios elegíacos da *durée* e da memória)” já não dá mais conta da construção de uma narrativa densa que esboce uma identidade plena, até porque uma configuração identitária centrada pressuporia a integralização do tempo pretérito com o futuro mediado pelo presente, articulação ausente na trajetória do sujeito contemporâneo. Em suas formulações, Jameson (1996, p.43) adverte que “[...] agora habitamos a sincronia e não a diacronia”. Assim, “[...] nossa vida cotidiana, nossas experiências psíquicas, nossas linguagens culturais são hoje dominadas pelas categorias de espaço e não pelas de tempo, como o eram no período anterior do alto modernismo”.

A metrópole é o *locus*, por excelência, onde reina a cultura do simulacro cujo caráter avassalador coloca em jogo menos o tempo que o espaço, o primeiro vindo mesmo a se transformar em um tempo espacializado – o agora-cidade – condição que faz com que o sentido e o sentimento de encadeamento e de continuidade das categorias temporais sejam obliterados pela força da dimensão espacial. Desenha-se o caráter destrutivo com que o espaço e a cultura contemporânea sobrepujam o exercício de construção temporal e preservação identitárias. Como afirma Nelson Brissac Peixoto (1987, p.220),

[...] a demolição visa apagar todos os traços do lugar, não deixando nenhuma marca que possa ser reconhecida pelos que um dia moraram lá. [...] Suprimir por completo toda lembrança, todo passado, toda identidade. Transformar a cidade numa terra de ninguém e seus habitantes em estrangeiros. [...] O assassinato é a metáfora mais adequada para o impulso aniquilador e predatório da cultura contemporânea.

Efetivamente, o conto “Cybersenzala” elabora representações identificadas com os conteúdos e aspectos da sincronia com que se esboça a imagem do agora-cidade. Neste sentido, a narrativa centrada no tempo espacializado do bar Subaru, seria um irônico e bem humorado painel onde se colam quadros variados da inconstância, fragmentação e precariedade contemporâneas. Vítimas e algozes do individualismo resultante, entre outros aspectos, dos processos de aniquilação dos laços da experiência, com que se inviabiliza a consistência e solidez identitárias, as personagens ali encenadas agarram-se ao que lhes permita vivenciar imagens e fantasias de pertencimento e integração com universos, nos quais se imaginariam salvaguardadas e protegidas do sentimento de desorientação, do desamparo, do medo da solidão e do anonimato.

Oliveira, Ratto, Abá, Ana Rita, Mônica, Michele, Pepe e Aléssio – grupo de colegas e amigos, no fim daquela tarde de sexta-feira vivencia a ansiedade e a expectativa ante o encontro no bar Subaru, programa-clichê do esparecimento depois do *stress* semanal, que se busca sepultar juntamente com o congestionamento infernal. O agora-cidade do bar representaria o encontro com momentos de fruição identificados com segurança, descontração e desenvoltura envaidecida, alegre e até afetada, que o sentimento de pertença possibilitaria àqueles freqüentadores. Irmanados naquele presente, o tempo que efetivamente importa, e mergulhados em fantasias prazerosas, todos ali se apresentariam cômicos da prerrogativa de

pertencerem à classe que os integra num mesmo universo de referências, tudo enfim corroborando a imagem de proteção e de *status* de que desfrutaram os inscritos “do lado de dentro da sociedade”.

Cada um luta obstinadamente para não ser um passageiro a mais a embarcar na nau dos “supérfluos” e/ou dos “desclassificados”, isto é, a condição de componente daquele universo afasta a possibilidade de alguém vir a ser estigmatizado, rotulado como fora do mundo, taxado de incabível e remetido, por fim ao universo das margens. Trata-se de condição jamais desejada, até porque, como observa Souza (2006) ao resenhar a obra *Confiança e medo na cidade* de Bauman, aos desafortunados *outsiders*, caberia apenas a função e a utilidade de alertar aos outros – às pessoas de bem – a respeito do estágio de desolação a que elas podem ser arremessadas, se não se apegarem vigorosamente à vida que elegeram e se vierem a romper com a classe em que estão inseridos.

O espaço da rua aprisiona e inquieta, e o do bar representa a libertação e o prazer, mas também poderia ser visualizado como o “não-lugar”, *locus* do contato superficial, não propício para a troca densa e emblemática, conforme as formulações de Marc Augé (2005). Na perspectiva da ironia e da ambigüidade com que tudo se desenrola no conto, o Bar Subaru, na verdade nome de uma marca japonesa de automóvel, seria o tempo-espaço de apologia da agregação identitária e de ostentação de um *status quo*, cuja manutenção o encontro estaria buscando apregoar.

Assim, se a modernidade assumiu certa feição transgressora, em termos de ter ostentado a condição de estágio desencadeador de interferências que desestruturaram instâncias tidas como não progressistas e interligadas com laços e tradições escravizantes, na contemporaneidade, o homem urbano busca estar entre os iguais e quer dispor, efetivamente do direito à inserção e à inscrição no universo da “nova ordem de solidez”. Há o desejo ardente de adesão a códigos e referências que, como os anteriores também não estão livres de condicionamentos e limitações. Mas, enfim, chega-se ao mundo das conquistas contemporâneas. Finalmente, pode-se vislumbrar o universo da *cybersenzala*, na verdade, a escravidão destes tempos de século XXI! Mais uma vez é Bauman (2001, p.41;13) quem assevera:

Os estamentos enquanto lugares a que se pertencia por hereditariedade vieram a ser substituídos pelas “classes” como objeto de pertencimento fabricado. Enquanto os estamentos eram uma questão de atribuição, o pertencimento às classes era em grande medida uma realização; diferentemente dos estamentos, o pertencimento às classes devia ser buscado, e continuamente renovado, reconfirmado e testado na conduta diária.

[...]

As pessoas foram libertadas de suas velhas gaiolas apenas para ser admoestadas e censuradas caso não conseguissem se realocar, [...] nos nichos pré-fabricados da nova ordem.

E com o bom humor e a ironia presentes nas ambivalências, o conto vai fazendo desfilar a “nova ordem” com que se apresentam os integrantes “das novas realocações”, os inscritos na *cybersenzala* – interesses, valores, fantasias, sonhos de consumo e também carências, fragilidades, solidões, vazios, medos, ansiedades, enfim, o universo de referências daqueles frequentadores do Subaru – bancários, *yuppies* novos ricos, especuladores da Bolsa, trabalhadores de *telemarketing*.

Os temas das conversas são circulares: o medo de perder o emprego, a ameaça da competição, o jogo destrutivo do colega que ambiciona subir a qualquer custo, o desempenho dos carros e o sonho da compra de um modelo do ano, a exortação à filha para não namorar rapazes pobres, o desejo de realização da cirurgia plástica, as sessões de RPG, a exigência da

malhação feita pela namorada, os comentários agressivos e fofocas sobre a vida sexual das colegas, as ofensas verbais, a ameaça do peso da idade. Em alguns momentos, há picos de excitação, resultado da ingestão, juntamente com os *drinks*, de potentes medicamentos antidepressivos e da ida de Oliveira, aquele do congestionamento inicial, ao toailete para o consumo da cocaína transportada e estocada no espaço da carga das canetas esferográficas, trazidas pelo colega que as negocia.

Mas tudo ocorre sem que certo caráter de elitismo seja maculado. O bar Subaru se imagina e se vê como espaço especial, condição que, galhardamente, buscaria ostentar o tempo todo. Ao se supor preservador da memória da cidade, se destacaria e estaria fazendo frente ao consumismo desenfreado e lamentável, tão intenso em tantos outros estabelecimentos congêneres da cidade. Mais uma vez, o humor corrosivo ante o mundo das aparências! O Subaru como proteção diante do caráter avassalador do consumo pelo consumo, do hedonismo pelo hedonismo! Não por acaso o bar está instalado num casarão da região de Botafogo, bairro tradicional da Zona Sul carioca, cenário que remete o leitor a tantas narrativas de Machado de Assis e ao Rio de Janeiro do século XIX. É o próprio narrador quem observa:

O Subaru ocupa um desses casarões reformados do Rio antigo em que uma parede em tijolos aparentes interfere na decoração, impondo uma reverência humanizante à memória da cidade. Listras horizontais em preto e creme, cadeiras Mackintosh com o espaldar reduzido em volta de mesinhas quadradas, e no fundo o bar americano também em faixas de teca negra e alumínio acetinado propõem ali uma vaga alusão ao estilo florentino. (SANTOS, 2006, p. 97).

A parede em tijolos aparentes – tradição a ser exibida – assume o caráter de traço simbólico com que se busca apregoar a necessidade de preservação dos monumentos. E tudo se esclareceria, caso fosse entendido que ali estaria havendo uma aproximação com a proposta de valorização da obra artística como ruína alegórica, conceito através do qual o passado se conecta com o presente, determinando-o – sentido inerente à história, como a entende Walter Benjamin. Nesta direção, jamais a parede em tijolos seria vislumbrada como objeto sem razão de ser ou como peça impossível de restauração e de reerguimento, restando-lhe, apenas o desaparecimento total.

Na verdade, ali a parede nada mais é que um elemento com que se visa mostrar e lembrar aos frequentadores que aquele estabelecimento detém, preserva e oferece certo *status*, já que constituiria uma resistência ao implacável processo de destruição e desvalorização do passado. Tais atitudes – censuráveis e politicamente incorretas – atribuiriam aos nelas incursos o rótulo de alienados, estigma do qual os clientes do bar estariam protegidos. Caberia à parede – *parte* – recorte metonímico e simbólico, a função de prestar informações importantes, a serem lidas e consumidas rapidamente, proposta esta da qual se afasta o *todo* – a casa inteira, a forma arquitetônica completa. Refletindo sobre tais aspectos, Otília Arantes (1995, p.264) observa:

[...] o símbolo não é arquitetônico mas gráfico: um letreiro, um luminoso, um objeto exterior indicativo de suas funções ou até mesmo a fachada concebida como um painel, porém claramente distinta do corpo do prédio. Numa palavra, um hangar ou um galpão dourado – na fórmula em que define essa arquitetura simbólica, para a qual encontra apoio nos exemplos do passado.

Tempo de consumo de imagens. Neste sentido, a parede é aí resgatada para o desempenho de importante e mais que oportuno papel. Pode-se afirmar que ela concederia e

garantiria ao bar as prerrogativas dos chamados “espaços alternativos”, cujos valores de que tanto se vangloriam seus proprietários e freqüentadores, se contrapõem às seduções e ciladas dos espaços enganosos e descomprometidos do consumismo que aliena. Na verdade, esta leitura poderia ser qualificada como do senso comum, construída a partir de certa ética imediatista e superficial, que costuma emanar também dos meios de comunicação de massa.

Por trás das sugestões direcionadas e clichêizadas de tais propostas, apresentam-se intenções veladas comprometidas com profundos sentidos de desestimulação do indivíduo, no que concerne ao enfraquecimento de sua segurança e ao abalo da credibilidade devotada aos próprios julgamentos. Como observa Lasch (1987, p.19), “[...] os arranjos sociais que sustentam um sistema de produção em massa e consumo de massas tendem a desencorajar a iniciativa e a autoconfiança e a incentivar a dependência, a passividade e o estado de espírito do espectador, tanto no trabalho como no lazer”.

O sentido de incerteza e de inconsistência líquida, presente nas situações vivenciais mostradas ao longo do conto, se estende também para as dificuldades de se firmarem abordagens absolutas e inquestionáveis de conceitos e conteúdos. Neste sentido, a identidade, tema tido como verdadeira obsessão contemporânea, também entra na intranquilidade do reino do nomadismo, ante o caráter plural e abrangente de seus conceitos e conteúdos, em tudo afastado da idéia de agregação e unicidade com que aquela categoria comumente é visualizada. As declarações de Bauman, ao conceder uma entrevista, de que resulta uma obra cujo título é *Identidade*, permite ao entrevistador afirmar: “[...] qualquer tentativa de aplacar a inconstância e a precariedade dos planos que homens e mulheres fazem para as suas vidas, e assim explicar essa sensação de desorientação exibindo certezas passadas e textos consagrados, seria tão fútil quanto tentar esvaziar o oceano com um balde” (VECCHI, 2005, p. 9).

A fantasia de conagraçamento, que poderia ter-se esboçado em algum momento da narrativa, cada vez mais vai se diluindo. Continuando o desmonte de certos sentidos e a perseguição de alguns esclarecimentos, outro conceito que aí se esfacela é o de comunidade. Longe da busca de propostas identificadas com o bem comum e com o sentido positivo das trocas, “compartilhar intimidades – como observa Richard Sennett (1993, p. 325) –, tende a ser o método preferido, e talvez o único que resta, de construção da comunidade”. Hoje o sentido mais adequado de comunidade é o que estaria próximo do constatado nesta narrativa. Aí, no lugar da solidariedade edificante, o que se resgata das relações são imagens de “eus” carentes e compulsivos, mergulhados em ansiedades vorazes e destrutivas. A este respeito, Ulrich Beck (1995, p.40) explicita:

O que emerge no lugar das normas sociais evanescentes é o ego nu, atemorizado e agressivo à procura de amor e de ajuda. Na procura de si mesmo e de uma sociabilidade afetuosa, ele facilmente se perde na selva do eu [...] Alguém que tateia na bruma de seu próprio eu não é mais capaz de perceber que esse isolamento, esse “confinamento solitário do ego”, é uma sentença de massa.

Convém mostrar-se aqui que, em coerência com as propostas de relativismo destes tempos pós-modernos, outros olhares distanciam-se destas leituras, de certa forma, identificadas com o clima “de terra arrasada”. E questionam como Juremir Machado da Silva (2005, p.ix):

Estamos no vazio ou no excesso? Vivemos um tempo extremo ou um novo e instável equilíbrio? Caminhamos no fio da navalha e cortamos os nós que nos prendiam a um passado cheio de correntes e moralismos? Entramos numa fase de descabro ético ou, finalmente, estamos pondo os valores a

serviço dos homens e não os homens a serviço de uma moral de submissão? Atravessamos a fronteira do bem e do mal e ingressamos num deserto de certezas ou descobrimos que nossas verdades universais eram valores locais universalizados?

Busca-se aqui ressaltar que, no rastro das perplexidades, equívocos e contradições, cresce hoje uma literatura que se volta para as representações das perdas, ambigüidades, transformações, questionamentos, saturações do mundo contemporâneo. Enfim, trata-se de recriações que desencadeiam possibilidades de leituras da sociedade muito mais rasuradas que esclarecedoras. Como aparece duplicado no título de seu livro, Alexandre Faria afirma tratar-se de uma *Literatura de subtração*. Subtração e saturação... A propósito, assim se encerra o conto:

Abá leva Oliveira para casa, na Gávea, deitado no banco traseiro do seu Palio. Não está em condições de dirigir. [...] Quando chegam ao prédio onde Oli mora na cobertura ajuda-o a subir a escada da portaria. Há um aceno em direção à verdadeira amizade na complacência dos sorrisos e nos tapas no ombro que trocam ao se despedirem. Oliveira [...] está prostrado e consumido pelo tumulto de dores, impulsos, ascos e revoltas que não o deixam dormir. No escritório, retira do armário [...] a mais nova de suas carabinas de ar comprimido. Pombos, macacos, corujas e outros animais dormem ou circulam pela floresta na montanha a 50 metros de seu terraço; atirar neles tem sido há meses um remédio melhor que os soníferos contra a insônia. Mas ao acoplar à arma a mira Yukon de visão noturna, 3.500 euros, suas mãos vacilam, a lente cai, seu joelho dói a ponto de obrigá-lo a se arrastar até a poltrona junto à estante, e ele pensa se não há algo mais que errado em tudo isso. (SANTOS, 2006, p.122-123).

Na rota inversa da efervescência e da agitação da metrópole, o que se constata é a paralisia e a inação. Literalmente, o trânsito bloqueia e faz da rua espaço de aprisionamento, mas a obstrução alegoriza um travamento bem mais inviável – o de existências humanas reféns de si mesmas e cujas trajetórias se arrastam sem que se construam referências, vínculos e horizontes de peso. Há um peso, sim – o da ausência de história pessoal, fragmentação que gera o terrível engessamento do presente lacunar.

Referências Bibliográficas:

- [1]SANTOS, Jair Ferreira dos. *Cybersenzala*. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- [2]BARTHES, Roland. Semiologia e urbanismo. In: _____. *A aventura semiológica*. Tradução de Mario Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 219-232.
- [3]GOMES, Renato Cordeiro. Representações da cidade na narrativa brasileira pós-moderna: esgotamento da cena moderna? *Alceu*, Rio de Janeiro, PUC-RJ, v. 1, n.1, p. 64-74, jul./dez. 2000. Disponível em: <<http://publique.rdc.puc-rio.br/revistaalceu/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=13>>. Acesso em: 10 out. 2007.
- [4]SANTIAGO, Silviano. Poder e alegria. A literatura brasileira pós-64 – Reflexões. In: _____. *Nas malhas da letra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 11-37.
- [5]BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

- [6]JAMESON, Fredric. *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. Tradução de Maria Elisa Cevalco. São Paulo: Ática, 1996.
- [7]PEIXOTO, Nelson Brissac. *Cenários em ruínas: a realidade imaginária contemporânea*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- [8]SOUSA, João Paulo. Do medo contemporâneo. Disponível em: <<http://daliteratura.blogspot.com/2006/09/do-medo-contemporaneo.html>>. Acesso em: 16 jun.2008.
- [9]AUGÉ, Marc. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Tradução de Maria Lúcia Pereira. 6. ed. Campinas: Papirus, 2007.
- [10]BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas. Magia e técnica, arte e política*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- [11]ARANTES, Otilia Beatriz Fiori. Arquitetura simulada. In: NOVAES, Adauto et al. *O olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p. 257-282.
- [12]LASCH, Christopher. *O mínimo eu: sobrevivência psíquica em tempos difíceis*. Tradução de João Roberto Martins Filho. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- [13] VECCHI, Benedetto. Introdução. In: BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. p. 7-14.
- [14] SENNETT, Richard. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. Tradução Lygia Araujo Watanabe. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- [15]BECK, Ulrich. *Ecological enlightenment: essays on the politics of the risk society*. Atlantic Highlands, Nova Jersey: Humanities Press International, 1995.
- [16]SILVA, Juremir Machado da. Apresentação. Vazio e comunicação na era “pós-tudo”. In: LIPOVETSKY, Gilles. *A era do vazio. Ensaios sobre o individualismo contemporâneo*. Tradução de Therezinha Monteiro Deutsch. Barueri, SP: Manole, 2005. p. ix-xiv.

AUTOR

¹ **Carlos Augusto MAGALHÃES, Prof. Dr.**

Universidade do Estado da Bahia – UNEB – Campus I – Salvador.